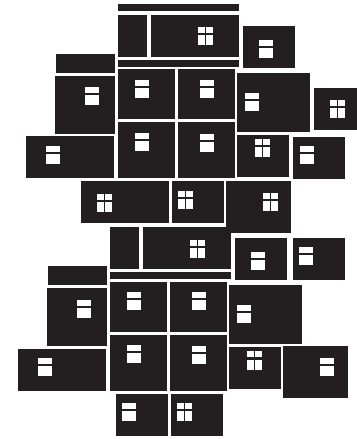




Alexandra Lucas Coelho
VAI, BRASIL



Prefácio
FRANCISCO BOSCO

Coordenador da Coleção
CARLOS VAZ MARQUES

RIO DE JANEIRO
TINTA-DA-CHINA
M M X V

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /
Secretaria de Estado da Cultura — Portugal.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



© Alexandra Lucas Coelho, 2015

1.ª edição: maio de 2015

Edição: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

C672v Coelho, Alexandra Lucas, 1967-
Vai, Brasil / Alexandra Lucas Coelho;
coordenação Carlos Vaz Marques.
1.ed. – Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2015.
328 p.; 20 cm. (Coleção de Literatura de Viagens)

ISBN 978-85-65500-13-5

I. Crônica portuguesa. I. Marques, Carlos Vaz.
II. Título. III. Série

CDD: 869.8
CDU: 821.134.3-8

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil
R. Júlio de Castilhos 55, Cobertura 01
Copacabana RJ 22081-020
Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28
Fax 00351 21 726 90 30
infobrasil@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt/brasil

SUMÁRIO

Prefácio
por Francisco Bosco
7

Vai, Brasil
13

Índice remissivo
317

Nota biográfica
325

PREFÁCIO
por Francisco Bosco

Sempre latente, ao fundo, e tantas vezes irrompendo, explícita, à superfície, a questão principal deste livro é sobre o tempo, ou melhor, *os tempos* do Brasil. Como na célebre abertura de *Burnt Norton*, tece-se aqui uma trama onde se constata que o presente e o passado estão presentes no futuro, assim como o futuro está contido no passado — e se pergunta se esses tempos conseguirão em alguma medida liberar-se uns dos outros, o passado deixando de condenar o futuro a uma eterna repetição, o futuro escolhendo de qual dos seus passados servir-se para reinventar-se. Essa é a pergunta presente que o Brasil se faz. Alexandra Lucas Coelho a recoloca, aqui, com a devida complexidade, situando-a no intervalo ambíguo entre a repetição e a promessa. Entre o vaticínio de Stefan Zweig (“Brasil, país do futuro”) e o desengano de Millôr Fernandes (“O Brasil tem um longo passado pela frente”). No meio disso, o presente, acontecendo com renovada intensidade após décadas de letargia, e relançando assim a pergunta sobre o sentido de nosso ir: *Vai, Brasil* — mas como um ser finalmente desejoso de liberar-se de suas próprias amarras ou um carro mal consertado cujo motor morrerá novamente na próxima esquina?

Essa questão central, a que voltarei adiante, surge entrelaçada a diversos registros, como de hábito no gênero dos livros

de viagens: história, geografia, religião, cultura, artes, economia, culinária, perfis e aventuras. Mas nada há de habitual na profundidade com que Alexandra desbrava o território continental do Brasil, do Oiapoque ao Chuí (os dois pontos extremos do país), como se diz por aqui, ou ao menos de Porto Alegre a Manaus; nem na disposição intelectual com que encara nossos grandes teóricos, escritores e poetas; nem tampouco na sua entrega de corpo e alma aos ritos, práticas e festas brasileiros, de que nos dá invariavelmente um relato impessoal e pessoal, informativo e interpretativo, jornalístico e literário, já que a autora mobiliza os dois registros sem dificuldades. A Alexandra jornalista atravessa o livro fazendo entrevistas, perfis, apresentando dados, conferindo tudo *in loco*; a Alexandra escritora narra e amarra, ilumina experiências e pessoas (dirá, por exemplo: “Nunca vi uma fotografia em que Clarice Lispector pareça próxima. Ela, que queria comer o coração cru de tudo, olha sempre de longe”), confunde trabalho e vida, e está sempre a procurar, naquele, esta, ou melhor, seu sumo: “a verdadeira vida”. Neste livro, portanto, sobre o outro, sobretudo, mas também sobre si, é notável a inteligência da autora e seu nomadismo, sua vida que “cabe num armazém de dez metros” e lhe dá (a nós também) “uma sensação igual à que temos num avião: estamos suspensos, nada nos impede de cair a não ser a própria força do movimento”. Mas é ainda mais notável o seu *método*: do desfile em uma escola de samba ao transe coletivo de um terreiro de umbanda, do *funk* no Buraco Quente ao pato ao tucupi, Alexandra aborda tudo com espírito e sentidos abertos, sem preconceitos de qualquer natureza. A esse método de conhecimento, podemos chamar de *amoroso*, como o fez Nietzsche: “Quem realmente quiser conhecer algo novo fará bem em receber essa novidade com todo o amor possível, e rapidamente desviar os olhos e esquecer tudo que nela pareça hostil, desagradável,

falso [...] pois assim penetramos até o coração, até o centro motor da coisa nova: o que significa justamente conhecê-la.”

Retomando a questão central do livro, o tempo passado aparece em suas dimensões de mito e de neurose. Enquanto neurose, passado estrutural, é a formação perversa da sociedade brasileira, empresa periférica do capitalismo europeu, que produziu uma sociedade que consigo se desaveio, fruto da exploração mais que da igualdade. É o Brasil herdeiro do trauma escravista, com sua exorbitante concentração de renda, seus negros encarcerados, seu patrimonialismo (herança direta de Portugal, segundo o eminente jurista Raymundo Faoro), sua, em suma, extensa gama de injustiças. Já enquanto mito, passado permanente, é o Brasil alegre, sem grandes tabus cristãos do corpo (“Não estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas”, como disse Caminha dos índios que cá estavam), povo caloroso, hospitaleiro, que privilegia o princípio de prazer em detrimento do princípio de realidade. Um mito não é uma mentira, e sim uma autoimagem de que um povo se serve como referência identitária. Logo na abertura do livro, Alexandra o evoca, a propósito do Rio de Janeiro: “Os cariocas têm de ganhar a vida como toda a gente, mas nunca a perdem por causa disso.” Houve um tempo em que o Brasil tinha vergonha de encarnar o mito aos olhos do estrangeiro (incomodava-nos desde a falsa baiana de Carmem Miranda nos EUA até a falsa favela do *Orfeu* de Marcel Camus). Mas hoje tendemos a ver o mito como mais que um desejo, uma salvação.

Isso nos leva aos tempos presente e futuro. *Vai, Brasil* começa no final do governo Lula e finaliza no começo das grandes manifestações públicas contra o atual estado de coisas. No apagar das luzes de 2010 pairava sobre o país certa sensação de euforia: o aumento real do salário mínimo, milhões de pessoas tendo assegurados direitos elementares (moradia e alimentação), o mundo

CRÓNICA
2010-2013

PARTIDA

As ruas de Lisboa cheiram a castanhas e a chuva, à noite têm luzes (o Natal, o Natal), o frio vê-se quando respiramos. Parti enrolada em lã, com luvas. Agora escrevo à mão por cima do Atlântico. No ecrã do avião, uma personagem diz: “É incrível como a minha vida cabe num armazém de dez metros.” A minha também, e penso que essa é uma sensação igual à que temos num avião: estamos suspensos, nada nos impede de cair a não ser a própria força do movimento.

O ecrã também diz que às 17h48 vou aterrar no Rio de Janeiro, onde estarão 35 graus. Vou meter as luvas no bolso do casaco, e dobrar o casaco. Na fila da imigração, esperarei entre os estrangeiros. Vai entrar como turista, dir-me-á a funcionária da imigração. Certo. Antes de 90 dias tem de ir à polícia. Certo. Portugal e Brasil, países irmãos.

A 11 600 metros de altitude leio dois livros fora de mercado. Um é jovem, vem dentro de um pequeno envelope. O outro é seu ancestral. O ancestral diz: “É preciso que as pessoas entrem e saiam. Que vivam por toda a parte.” A única tarefa é voltar à vida.

Passamos o Equador. Ao crepúsculo, os botecos do Rio estarão lotados, chopinho, pastelinho, shortinho. O exército

está no Complexo do Alemão, a Rocinha está no aguardo e vai ser Verão: 1 de Dezembro de 2010.

APOCALIPSE NUNCA

No dia em que mudei para o meu primeiro subaluguer no Rio de Janeiro já era noite. Quando pus a bagagem no passeio as plantas começavam a agitar-se, anunciando a tempestade. Eu estava a sair da casa onde dormira uma noite para a casa onde dormiria um mês. Um lisboeta no Rio é um inquilino de baixa renda, e portanto isto tem de ser por etapas. A chuva chegou antes do táxi mas o taxista saiu e ajudou. Depois, com a camisa pingada, sentou-se ao volante, olhou para trás a sorrir, e quando ouviu o endereço, a uns míseros dez reais de distância, continuou a sorrir. É por isso que o apocalipse nunca vai acontecer no Rio de Janeiro. Os cariocas têm de ganhar a vida como toda a gente, mas nunca a perdem por causa disso.

O dia desta minha mudança foi o primeiro que passei no Complexo do Alemão, levada por um taxista que se chamava Mozart. No Rio é tão fácil conhecer um Mozart como um Marconi. O meu Mozart mora no Alemão, o meu Marconi mora na Rocinha, e essa é outra das razões por que o apocalipse nunca vai acontecer no Rio de Janeiro. Nada é demasiado grande para um carioca. Ele pega ônibus para Copacabana, fica de pé 12 horas no átrio de um edifício fazendo segurança, no fim do turno pega ônibus de volta para a Rocinha, senta-se num tijolo a ver a mulher dançar *funk* com o bebé no colo. Ou cozinha, limpa casa, atende telefone. E já passou fome, quem sabe ainda passa. Mas vai na praia, bate

bola, batucada, canta. Carioca pode com tudo, da derrota do Flamengo ao nome de um génio.

Podemos chegar a alguns lugares sem saber nada. Já ao Brasil chegamos sempre com excesso de bagagem. Piadas, sala-maleques, mal-entendidos de 500 anos. Sabemos o que achamos que sabemos, e não nos conformamos com o que acham de nós. Fui ler aqueles dois *best-sellers*, *1808* e *1822*, li um e meio, não me sai da cabeça a imagem de D. João VI sempre lambuzado, com franguinhos escondidos nas mangas do casaco. Suponho que cabe na categoria do entretenimento. Espelho meu, espelho meu, há alguém mais feio do que eu? É a angústia do ex-colonizador diante do ex-colonizado. Choque e espanto. Ainda bem que não chego ao Brasil com 20 anos, nem 30. Podia dar-me para o nacionalismo ou o seu contrário. Nomes do diabo, antes os de João Guimarães Rosa.

Onde íamos? Dentro daquele táxi nocturno, a caminho do meu primeiro subaluguer. Em São Paulo as casas são mais baratas, dizem-me os paulistas. Eu gosto de São Paulo não lembrar Portugal. O que é velho no Rio lembra Portugal. Um paulista disse-me uma coisa duplamente cruel. O Rio é preguiçoso, esbanjador, decadente: ainda vive na corte de D. João VI. Quem tenha experiência com cariocas no que respeita a combinações já terá dito pior, depois de esperar horas por alguém, ou dias por um telefonema, ou toda a vida por um pedido de desculpas. Até perceber que para o carioca aquilo não tem desculpa porque não tem culpa. Os paulistas podem dizer coisas cruéis dos cariocas. Já é mais difícil imaginar os cariocas a dizerem coisas cruéis dos paulistas. Suspeito que se estão nas tintas, ou, como se diz aqui, não estão nem aí. Há uma imunidade no

carioca, uma soberania. Amanhã o mundo acorda e o Rio está no topo do mundo sem nunca ter saído de lá.

Quando o táxi parou, saí de guarda-chuva para tirar as bagagens. Ao fim de um minuto estava ensopada. Entretanto, como se nem pingasse, o taxista já ia tranquilamente com uma mala nos braços, a caminho do portão. Corri para tentar cobri-lo com o guarda-chuva e ao mesmo tempo abrir o portão. A chuva do Rio pode ser cachoeira. Caía no chão a ribombar e nenhuma das minhas chaves abria.

— A senhora está nervosa, deixe que eu abro.

Mantendo a bagageira aberta, levou a mala até um te-lheiro. Foi então que o portão se fechou connosco do lado de dentro, a chave do lado de fora, a bagageira aberta, e tudo isto cada vez mais à chuva. Procurámos campainhas, botões, fios, qualquer coisa que abrisse, mas nada. Até que vimos duas cabeças passarem do lado de fora e eu gritei contra a tempestade. Enfim rodaram a chave, enfim levámos a bagagem, nunca parou de chover e o taxista continuava a sorrir como se tivéssemos saído da piscina. Não se chamava Mozart nem Marconi, só Marcelo, mas nascido e criado na favela como eles. Numa das favelas do Complexo do Alemão.

— Não sei como lhe pagar.

— Que nada, são dez reais.

Preço normal de uma corrida sem chuva, sem bagagem, sem apocalipse.

Paguei 50 e à primeira Marcelo não quis aceitar. Era como se ficasse por conta da boa história que toda a dificuldade dá. Subiu a enxugar-se um pouco e desceu dando boa-noite.

INVEJA DOS ANJOS

Dylan Thomas apareceu na praia. Chamaram-me, voltei a cabeça, e era a cara dele à minha frente, com aquele topete de caracóis e sem álcool. Dylan Thomas aos 20 anos.

— Você é o Dylan Thomas — disse eu.

— Eu sou?! — ele ficou feliz.

— Cara, e ele é poeta! — rematou a amiga que me chamara, Tatiana Salem Levy, ajustando a alcinha do biquíni.

Todo o biquíni será recompensado em São Sebastião do Rio de Janeiro, num domingo de Dezembro. Um sol de 40 graus e a perna do vizinho terminava na minha. Milhares de biquínis e de sungas no espaço vital de um Cristo abrindo os braços. Sunga é o contrário do calção até ao joelho. Cariocas usam sunga e não trazem toalha, ensinou a Tatiana. Praia no Rio tem um protocolo, Dylan Thomas inclusive, pele branca, sunga preta.

O Rio não é o País de Gales. Este hemisfério não é a Europa. Aliás, será que a Europa ainda existe? O Rio de Janeiro pensa na Europa como vovô e vóvó, álbum de família. A gente vai lá, sopra o pó, diz “puxa vida!”, se comove.

Depois volta ao vivo, à praia.

— Vamos na praia? — perguntara a Tatiana de manhã.

E antes que a minha boca europeia se abrisse:

— Domingo na praia é experiência antropológica.

Quase trabalho, para tirar a minha culpa.

Então fui de ônibus, desci a duas quadras do mar, comprei o *Globo*. Tinha uma matéria sobre as novas festas infantis de limusine, Primavera-Verão 2010-2011: a limusine apanha aniversariante e amiguinhos e passeia-os pelo Rio com doces e sucos servidos em *flute*. Paguei um euro e meio pelo meu café de pé

no Talho Capixaba, mercearia *gourmet* do Leblon. O preço é daqui para cima em toda a Zona Sul.

Quando cheguei ao calçadão, a favela do Vidigal descia até ao mar, logo do meu lado direito. Do outro lado do morro, era dia de mercado na Rocinha. Somando todos os morros do Rio, dá mil favelas.

Na véspera eu vira um anjo suar. Febre de sábado à tarde no Centro do Rio de Janeiro. Vagabundos, corpos em papelão, um cheiro de queimado. Num primeiro andar sobre tudo isto, uma galeria acolhia um lançamento de poetas lendo poetas. Conheci louras musas sem idade que continuam a nem olhar nos olhos. O mito Chacal, com quem me sentei há 15 anos num chão da Gávea, ainda morava na Gávea e disse de cor Hélio Oiticica, esse amigo de vagabundos que também escrevia. Janelas totalmente abertas, todo o mundo debruçado. Todo o anjo é terrível, mas anjos do calor, já conheceram? O meu suava com uma camisa de xadrez por cima de uma *t-shirt*: anjo boxeador, Carlito Azevedo. Foi o último a ler, num biguebanguê que era o mundo mudando de hemisfério no século XXI. Suava e tremia, 15 minutos para sempre. Um anjo não tem limite.

Domingo, depois da praia, a Tatiana levou-me ao teatro. Centro Cultural do Banco do Brasil, esse colosso no Centro. Cá em baixo, Livraria da Travessa, exposição de Arte Islâmica, ciclo Tsai Ming-Liang. Lá em cima, um corredorzinho de espectadores à porta de uma sala-estúdio. Olhei para o programa: *Antes da Coisa Toda Começar*, Armazém Companhia de Teatro, direcção de Paulo de Moraes. A imagem de uma caveira. Seria um *Hamlet*? E quando as luzes se apagaram foi Hamlet, Tempestade e Tragédia Grega, Lou Reed e Piaf, Grotowski e Deep

Purple. O texto era uma energia omnívora. Eles atacavam o baixo e a bateria, cantavam, morriam, ressuscitavam. Os bastidores vinham para a frente, os espelhos partiam-se perante a Europa. De repente, olhei para trás e um dos actores estava por cima de nós como um anjo. Nunca o vira antes mas tive a certeza de que já o tinha visto. Era um árabe de nome grego, no centro do Rio de Janeiro.

O melhor teatro do Brasil, dizem sempre os críticos, está em São Paulo. Mas a companhia Armazém está no Rio mesmo, nos Arcos da Lapa. Já fez Shakespeare e Tragédia Grega, e uma *Alice no País das Maravilhas*. Além de tudo o mais, eles próprios desenham os cenários e escrevem. A Tatiana saiu a chorar da peça antes desta, *Inveja dos Anjos*. Quando cheguei a casa abri o livro sobre favelas que estou a ler e li: *Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos / sem amor nada seria*. Coríntios, versão Legião Urbana. Depois Caetano começou a cantar na minha cabeça *Anjos sobre Berlim...*, como um anjo do calor.

Cariocas não trazem toalha, trazem canga, que é um pano de praia, ensinou a Tatiana quando me apresentou os amigos. Sim, Dylan Thomas está vivo, usa sunga, mora em Copacabana, vai à praia junto à bandeira verde-e-rosa da Mangueira, ainda não começou a perder o pé, e olha só, conheci-o chegando da água. Estupidamente perguntei-lhe se sabia como Dylan Thomas tinha morrido. Estavam 40 graus e ele estava sentado na minha canga. Não era pergunta que se fizesse. É como a pergunta de Rilke: quem se eu gritar? No Rio, Dylan Thomas vai dizer: grita que eu vou.

*

São Paulo, Viaduto do Chá: tanta gente, toda a gente a falar português. Talvez Portugal só exista para isto.

*

COMER A LÍNGUA

— Como é que é lá no Rio? É mesmo aquela violência que a gente vê na televisão? — pergunta-me um rapaz da cintura industrial paulista. Vive do salário, acaba de ser pai, fez uma casa lá na zona leste. — Botei um pedacinho de gramado, ontem mesmo estive cortando.

Ontem, domingo: milhões de paulistas das quatro cinturas cardeais a cortarem um pedacinho de gramado, a cuidarem dos filhos, a torcerem pelo Corinthians, sem nunca terem posto os pés no Rio de Janeiro. Para muitos assalariados, ainda é caro viajar dentro do Brasil. E o Rio visto do resto do Brasil é uma ficção. Filme de bague-bague e novela. Até a língua é diferente.

— Por exemplo, padaria — diz-me o mineiro Luiz Ruffato, que mora em São Paulo há 20 anos. — Padaria no Rio é lugar onde se vende pão!

Para quem mora em São Paulo, isto mostra bem o estado do Rio: só tem boteco, não tem padarias como em São Paulo, ou seja, cafés. Leitor, não pergunte nas ruas de São Paulo onde pode achar um café. As pessoas vão achar que está desesperado para tomar café. Quando quiser achar um café peça uma padaria.

Depois, tal qual no Rio, café-com-leite é uma média, torrada é pão-na-chapa, tosta é misto-quente. E com calor mesmo, sumo é suco e lima é limão.

Questão de apetite, na língua como no resto.

Talvez por ter passado as últimas noites em orgias teatrais, estou tomada pelo espírito antropofágico de Oswald de Andrade: “Só me interessa o que não é meu.”

— Aqui a gente se come — resume Zé Celso quando nos sentamos no banco de trás do táxi.

Chove em São Paulo e além de um cacho de bananas transportamos um chifre de boi para chamar o gado, o chamado berrante. Impávido, quase fleumático, o taxista cruza a Alameda Santos sem estranhar. Nada do que é humano é estranho a uma cidade cosmopolita, e esta é cosmopolita porque a gente se comeu, como diz Zé Celso: José Celso Martinez Corrêa, fundador do Teatro Oficina. A grande tenda ambulante do Oficina acaba de concluir uma digressão pelo Brasil, *Dionísiacas em Viagem 2010*, conjunto de quatro peças, algumas com seis horas. Em Belo Horizonte, terra ensimesmada, mineiros houve que arrancaram a roupa sem esperar pelos actores. Em São Paulo também. “O que atropelava a verdade era a roupa”, escreveu Oswald. Desde Abril, foram muitas noites de 1500 pessoas por noite, e de graça, e a esmagadora maioria ainda não tinha nascido quando o Oficina arrancou a roupa a Caetano Veloso, então espectador das *Bacantes*. Quem disse que o Tropicalismo acabou? O Oficina não virou vegetariano.

Português a falar brasileiro não tem jeito, mesmo quando tem. Mas o que não tem jeito mesmo é perder tempo a não ser

entendido. Não vou subir a favela e dizer sítio quando posso dizer lugar, ou apelido quando posso dizer sobrenome, ou alcunha quando posso dizer apelido, ou apanhar o autocarro quando posso pegar o ônibus. Português a falar brasileiro nem é jeito de dizer, porque português e brasileiro falam sempre português, em toda a sua mestiça extensão. Nenhuma outra língua é tão falada no hemisfério sul. Finco os pés onde estou para a usar. Se não me esqueço de quem sou, porque terei medo do que serei? Muito do que hoje é brasileiro foi português antigo que Portugal perdeu, cardápio reduzido, falta de apetite. E eles continuam a vir, dietistas, higienistas, fiscais de contas, reduzindo a língua a um quartinho, e de colarinho: não respire, não respire. Ave a poesia, cheia de fome, Herberto Helder mais jovem que nunca, comendo a língua com travesti brasileiro e tudo. O que se escreve em Portugal não deve ser alterado no Brasil, e assim seja com o que se escreve no Brasil. A língua leva o lugar, que será lido quanto mais for ouvido. O Tropicalismo encontrou o Brasil nos anos 60. Talvez o Tropicalismo possa recomeçar o mundo nos anos 00. Então, enquanto a Europa coberta de neve vai travando os seus braços de ferro nacionais sem saber o que fazer a tanto imigrante, eu ouço a voz de Zé Celso no táxi:

— Aqui a gente se come.

Asiático com siciliano, libanês com askenazita, Brasil fora, e continuam. O Dylan Thomas que baptizei na praia agora assina Dylan Tupiniquim. Brasileiro não teme deixar de o ser, ao comer o outro fica mais forte. Antropofagia é fusão, seria a saída para israelitas e palestinianos. Que coisa melhor podia ter acontecido à língua portuguesa? Só os impérios perdidos temem os bárbaros: medo de serem tudo o que são.

NATAL COM LULA E LUIZÃO

Dez da noite no Rio e a ventoinha por cima da minha cabeça continua a rodar.

— Esse calor é de Janeiro — dizem uns.

— Esse calor é de Carnaval — dizem outros.

Entretanto, ainda vamos no Natal, amigos presos na neve lá na Europa, talvez mesmo a dona desta casa que subaluguei por um mês. Mas calor aqui não quer dizer seca. Madrugada dentro, o Rio está em “estado de atenção” por causa das “pancadas de água”. Desde 1 de Dezembro, conto por uma mão os dias sem “pancadas de água”. A gente foge aos gritinhos, encolhe-se, desaparece. É o triunfo das plantas, um festim. A água cai em torrente dos morros, entre os pés dos favelados.

Inverno no mundo será quando o Natal quiser. O Rio entrou em pleno Verão na terça-feira, mas as decorações são todas de Inverno porque é Natal. Os botecos têm pais natais vestidos de flanela vermelha com rebordo de pêlo branco e árvores de natal cobertas de pó a fazer de neve. As árvores têm luzinhas enroladas que piscam à noite, abricós e jaqueiras, coqueiros e casuarinas, ipês e paineiras, figueiras e acácias-rubras. E no meio da Lagoa, essa Árvore gigante que milhares param para ver. Houve fogos, o céu explodiu em vermelho, era a inauguração. Agora, a cada dia lá está, entupindo um pouco mais o trânsito em volta, piscando as suas luzinhas extra, além das favelas na noite, presépios de todo o ano aos pés do Cristo, sempre branco, mais alto que tudo.

Os cariocas saem da praia para ir buscar o *panetone* ou a torta encomendada para a consoada, e as padarias têm menus especiais, com filas de sandália e chinelo, Natal versão férias grandes. Aliás, as férias grandes são agora. Aeroportos lotados para voos

internos e externos. Quem tem dinheiro viaja para a Europa, para Nova Iorque, para o Nordeste, ou está nos *shoppings* a fazer compras, ou parado no trânsito. Natal é dinheiro, isso vê-se nas ruas centrais de São Paulo e do Rio de Janeiro neste mês de Dezembro, o último de Luiz Inácio “Lula” da Silva na presidência, até ver. Tudo engarrafado, a ir ou a voltar de gastar dinheiro, aquilo a que os economistas chamam incentivo ao consumo.

Luiz Inácio: a mãe botou o nome, o povo chorou a ver. “Lula, o Filho do Brasil” é o candidato brasileiro a Melhor Filme Estrangeiro nos Óscares. Eu vi no ônibus, voltando agora de São Paulo, seis horas de viagem: aquelas paisagens secas de Pernambuco, lá no Nordeste mais pobre, casebres rodeados de cactos, mães de muitas crianças esfarrapadas, um pai de boca torta a cuspir cachaça que parte para longe antes de mais um filho nascer. O filho nasce, a mãe pega nele, diz:

— Tu vai te chamar Luiz Inácio.

Mas toda a gente começa a chamar-lhe Lula. Um dia a mãe chega com os filhos ao porto de Santos, Estado de São Paulo, convencida de que o marido a mandou chamar. Não mandou, cada vez cospe mais, cospe e bate nas crianças quando elas vão à escola. A mãe vai embora com as crianças para mais perto de São Paulo, onde estão as fábricas. Lula, que já foi engraxate, vendeu laranja, carregou alface, torna-se operário em São Bernardo do Campo, diploma de Torneiro Mecânico. A mãe chora e os espectadores também. E nas noites de horas extraordinárias este filho do Brasil há-de perder o dedo mindinho numa máquina, no hospital dos pobres há-de perder mulher e filho no parto, já líder sindical há-de perder 31 dias de liberdade em plena ditadura. No fim do filme ainda o PT não nasceu mas qualquer um já seguia Lula, limpando a última lágrima. Agora,

após oito anos de presidência, Luiz Inácio Lula da Silva vai sair. Foi o pai natal dos pobres mas os ricos que riem dele nunca estiveram tão ricos.

A meu lado no ônibus, entre o pré-Natal de São Paulo e o pré-Natal do Rio, ia um homem que nunca olhou para o ecrã dos filmes. Aos dez anos teve um descolamento de retina, depois glaucoma. Está completamente cego. Quando o ônibus parou, fui com ele comprar um bilhete de volta a São Paulo para a sexta-feira seguinte. Chama-se Luizão:

— Moro no Rio mas a minha namorada está em São Paulo.

Vai visitá-la aos fins-de-semana. Sem cão, só com uma bengala, tanto degrau, tanto passeio partido, fora o trânsito. Nem consigo começar a imaginar o que é ser cego no Rio. Luizão dá-me uma oportunidade: em Janeiro assistir aos treinos dele na Urca. É atleta paraolímpico, várias vezes campeão de *golball*. Eu devia ter adivinhado pela firmeza da mão no meu ombro. E assim juntos, atravessando a Rodoviária, chegamos ao Rio de Janeiro na véspera do Natal.

CACHOEIRA, FLORES E FOGO

Toda a gente devia viver uma virada no Rio. Virada é a passagem de ano, que aqui começa dias antes. A minha começou na noite de 30, quando Dylan Tupiniquim abriu as magias. Estávamos na livraria Argumento. Uma aniversariante celebrava. Não sei de que falava a mesa dela mas na nossa éramos três, e dois eram filhos-de-santo. Dylan, fiquei a saber naquele instante, frequenta terreiro de umbanda, e a amiga dele Thereza frequenta terreiro de candomblé.

NOTA BIOGRÁFICA

Agradecimento: A base deste livro é uma escolha de crônicas saídas no Público entre 2010 e 2013. Além das pessoas nomeadas, quero agradecer às que estão em textos não incluídos aqui, cruzamentos fugazes ou perenes que alteraram para sempre a minha experiência do Brasil.

ALEXANDRA LUCAS COELHO nasceu em Lisboa, em Dezembro de 1967. Estudou teatro e comunicação. É jornalista desde Janeiro de 1987. Publicou dois romances, *E a noite roda* (Grande Prêmio de Romance e Novela da APE, 2012, edição brasileira na Tinta-da-china Brasil) e *O meu amante de domingo* (2014); e cinco livros de reportagem-crônica-viagem, *Oriente próximo* (2007), *Caderno afegão* (2009), *Viva México* (2010), *Tabrir* (2011) — os três últimos também publicados no Brasil — e *Vai, Brasil* (2013). Como repórter, cobriu várias zonas de conflito, sobretudo no Oriente Médio e na Ásia Central. Depois de Jerusalém, foi correspondente do jornal *Público* no Rio de Janeiro, onde morou entre 2010 e 2014. O cenário do seu terceiro romance, *Deus-dará*, a publicar em 2016, será o Rio de Janeiro.



⌘ ⌘

vai,

⌘

⌘

Brasil

⌘ ⌘

⌘ ⌘

*foi composto em
caracteres Hoefler
Text e impresso*

⌘

*na Geográfica Editora
sobre papel Pólen Soft de
80g, em Maio de 2015.*

⌘

⌘

⌘ ⌘

⌘

⌘

